

A EXPERIÊNCIA DE INSERÇÃO DE TRABALHADORES MIGRANTES CHINESES NO MERCADO DE TRABALHO PIAUIENSE COMO UM DOS EFEITOS DO IMPERIALISMO CHINES NO MUNDO.

Victor Gabriel Almeida Alves da Silva*

1. Introdução

O caráter migratório do ser humano está presente desde o início da formação da humanidade e tem sido até hoje motivado primeiramente por necessidade de comida e de lugar seguro, condições básicas de existência. Tendo inúmeros momentos e dimensões, esta nossa característica transeunte é repetida no decorrer das Eras, trazendo consigo conseqüências positivas e negativas para o desenvolvimento do homem em sociedade. Entendemos por efeitos negativos todas as ações destrutivas e desarmônicas dos homens contra a natureza (sendo nestes momentos os únicos animais que cometem tal ação contraditória) e positivas as formas que a interação das diversas inteligências contida em cada povo e em cada realidade cultural possa contribuir para a diminuição e a extinção dos inúmeros sofrimentos sentido por grande parte da humanidade. Procuramos evidenciar como enfoco de espaço e tempo a relação dos caracteres ontológicos Trabalho e Migração da humanidade, que no decorrer do contexto Capitalista da sociedade, tem uma estreita relação de causa e efeito, onde a exploração da força de trabalho de pequena parte da humanidade potencializa o deslocamento em massa nos diversos campos das nações, internos e externos.

Neste sentido, podemos observar que a América Latina, sobretudo o Brasil, têm sido (desde de os últimos quinhentos anos) o foco das grandes ondas migratória e um grande receptáculo de povos e culturas. Atualmente, enquanto assistimos ao fim dos últimos capítulos do modelo Neoliberalna Europa e Estados Unidos, podemos observar um outro personagem emergindo de uma breve reclusão e ocupando o lugar de principal potencia econômica mundial, que é a China. A partir daí, um elo de interesse de troca entre as duas nações se dá com maior freqüência e intensidade, fazendo com que a presença chinesa aconteça no Brasil em determinados pontos de forma mais constante, onde as condições de

trabalhos para aqueles que desejam melhorar de vida seja possível, mesmo que estes sejam obrigados a atravessar o planeta com sua família.

Movidos pelo fazer teórico-metodológico do materialismo histórico-dialético, temos por objetivo, analisar a história social de inserção de trabalhadores migrantes oriundos do continente asiático no mundo do trabalho piauiense como uma das conseqüências bilaterais da expansão do mercado chinês pelo mundo e como já podemos sentir o primeiro impacto deste intercambio cultural. Especificamente, problematizar as contradições da “*experiência*” (THOMPSON, 1981) que envolve o entrelaçado cultural entre essas nações, tendo como foco analítico a recente experiência da migração chinesa em Teresina, que em curto período recebe de forma massificada a chegada de vários asiáticos, nos chamando para os limites e possibilidades deste momento em questão.

A respeito destas experiências, o Jornal Comércio¹ de 23/05/2012, diz que:

Entre os imigrantes legais, os maiores grupos são os de origem portuguesa, boliviana, chinesa e paraguaia, nesta ordem. Entre os irregulares, tomando como base os registros de estrangeiros que aproveitaram a anistia concedida pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 2009 - quem estivesse em situação irregular poderia pleitear um visto provisório e, em dois anos, regularizar sua situação -, os maiores grupos são os bolivianos (40% do total de cerca de 47 mil vistos provisórios emitidos), chineses (13%), peruanos (11%), paraguaios (10%) e coreanos (3%).

Os estudos culturais em contextos globais para a relação Trabalho e Migração nos inspira a tentar entender historicamente a economia do nosso principal parceiro comercial, nos causando admiração, receio e muitas dúvidas. A inserção da China nas relações internacionais do Mundo do Trabalho, materializada entre outros elementos pela crescente imigração de chineses e do processo dialético de metabolismo sociocultural nos múltiplos lugares do globo, que justifica o peculiar interesse histórico para as manifestações particulares desse processo

¹(www.cantareira.org/.../economista-polemiza-aspectos-da-relacao-com...).

na realidade brasileira em especial na cidade de Teresina/PI. Estas reflexões ajudam para a pesquisa em história social numa análise que relaciona *a parte com o todo*, pois, *os fatos são conhecimento da realidade se são compreendidos como fatos de um todo dialético – isto é, se não são átomos imutáveis, indivisíveis e indemonstráveis, de cuja reunião a realidade saia constituída – se são entendidos como partes estruturais do todo.* (KOSIK, 2002, p. 44).

Nossa abordagem é pautada no cruzamento de fontes múltiplas e tenciona traçar umaligação entre o específico e o geral, entendendo que o Piauí o Nordeste e o Brasil, por conseguinte, insere-se na transnacionalização do mercado Chinês. Para tanto, torna-se necessário recorrer história chinesa, a partir do século XIX, para nos depararmos com uma nação praticamente imersa ao sistema feudal, destruída economicamente e constantemente atacada de forma bélica e ideológica por diversos países, e que, a partir de 1949, após muitos conflitos internos e com outras nações, a China, muda o então sistema vigente pelo socialista de Mao Tse-Tung e uma série de reformas estruturais passa a ser estabelecida, fortalecendo seu mercado interno e propiciando posteriormente o rompimento com sua política fechada e uma nova abertura ao sistema mundial, agora como uma nação bem estruturada com o discurso de sistema econômico híbrido. Em relação às reformas político-econômicas fundamentais para a atual condição que vive a China, o professor da federal de Ouro Preto, Marco Antonio Tourinho Furtado, enfatiza que:

A primeira característica importante das reformas chinesas é que elas nascem no estado, são e continuam até aqui dirigidas por ele. Mesmo que o estado descentralize decisões e ações econômicas, o estado é quem dirige o processo de mudanças. Ele direciona suas reformas para maior eficiência econômica, para indústria leve, a eficiência da produção agrícola, introduz parâmetros de mercado, desenvolveu um setor econômico não estatal, estabeleceu parâmetros de investimento externo e etc. É o estado o agente de mudanças e reformas, que acontecem de modo gradual, monitorado e avaliado ao longo do processo. (FURTADO, 2008, p.21)

Na busca por atividades emigratórias que remetam ao caso piauiense e possam nos servir de reflexão sobre a migração de chineses pro mundo, observamos que nos primeiros momentos de expansão após a década de 70, a China procura inserir-se no mercado mundial com o discurso de “boa vizinhança”, tentando aproximar-se, num primeiro momento de países circunvizinhos, mas foi com a grande estratégia do regime de Deng Xiaoping em 1992, que a China entra de forma veloz na lógica do comércio internacional, como nos diz Amaury Porto de Oliveira, que fez estudo no referente a relação entre a China e o continente africano, ao mencionar sobre a necessidade de matérias primas para sua reestruturação e expansão do seu

mercado, matérias estas exploradas na África por europeus e estadunidenses assim latina e que os chineses agora bebem de forma mais voraz, quando nos diz:

(...) após o famoso circuito de Deng pelas cidades do Sul e Xangai, em 1992, que o grande capital da diáspora assumiu o papel de mediador, na grande barganha entre a RPC e o capital transnacional, barganha responsável pelo excepcional crescimento da economia chinesa nos últimos três lustros. Calcula-se que dois terços dos capitais investidos na edificação da infra-estrutura de estradas, etc., sobre a qual avança a China, venham da diáspora.

Com a vontade incessante de obter tais bens primários, não era de se espantar qual seria o próximo continente que os chineses migrariam e estreitariam os laços.

CHINA E AMÉRICA LATINA: RELAÇÃO SINO-BRASILEIRA EM TEMPOS DE CRISE

Em 06 de abril de 2001, o então presidente da China *Jiang Zemin* faz discurso na comissão econômica das Nações Unidas em Santiago do Chile, acerca das diferenças e convergências entre seu país e o continente latino americano, e reforça a ideia de aliança, a fim de fortalecer o desenvolvimento recíproco entre os “dois continentes”, quando diz:

Tenho por objetivo principal, manter conversações em profundidade com os líderes do Chile, Argentina, Uruguai, Cuba, Venezuela e Brasil, para trocar a fundo opiniões sobre os temas de interesse comum, num espírito de “fortalecer o intercâmbio, aumentar a confiança, promover a cooperação e fomentar o desenvolvimento comum”, a fim de pulcionar um contínuo desenvolvimento nas relações de cooperação e amizade sino-latino-americano. (ZEMIN, 2002, p. 497)

Ainda em 2001 quando o conturbado mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso contava seus últimos dias, o líder chinês *Jiang* visita nosso país em banquete oferecido por FHC, com o intuito de corroborar o elo econômico entre os maiores países dos continentes sul-americano e asiático. E já no governo Lula, a chamada “invasão chinesa” ganha maior vigor no Brasil, e de forma gradual a China vai se tornando nosso principal parceiro econômico, e quando o mundo capitalista, em 2008, se vê em meio a uma crise apontada como maior que a de 1929, nós reforçamos o vínculo com os chineses e por pouco não embarcamos no “efeito dominó” que hoje assola os EUA e Europa.

Torna-se necessário ressaltar que, ainda que o discurso do presidente chinês nos chegue de forma cortês e cheio de cordialidade, é preciso que fiquemos atentos, sobretudo quando o sistema a qual estamos inseridos, dificilmente oferece alguma cortesia sem querer lucrar em cima da mesma (muito embora não saibamos ao certo como funciona o sistema chinês). No mesmo discurso, *Jiang Zemin* inicia sua fala enaltecendo as riquezas naturais da América latina, e pra quem já teve ou tem “as veias abertas” (Galeano, 1978) por interesses estrangeiros desde o século XVI, é bom que se tenha os olhos bem abertos.

Não são poucos os que se preocupam com a atual e festiva relação sino-brasileira, e apesar dos últimos índices mostrarem *superávit* positivo para o Brasil, o fato de exportarmos basicamente *commodities* (matéria-prima) e importarmos produtos industrializados pode e já está causando danos na economia local, como nos alerta o professor universitário e economista José de Almeida Amaral Junior: “Estamos perdendo produção industrial local, substituída por importações. E para a economia é algo muito ruim, afinal, quem dinamiza o sistema é exatamente a indústria”. Usando como força estratégica sua notável capacidade diplomática, a China, ávida por recursos naturais e por novos mercados consumidores, vê no Brasil uma excelente oportunidade de troca comercial. O Brasil por sua vez, sedento por uma nova rota que o possibilitasse ficar imune a mais severa crise da atualidade, viu na China um provável “alívio imediato”. Neste emaranhado de relações econômicas e sociais que levam uma quantidade significativa de chineses a se aventurar rumo ao Brasil, surge em nossa visão mais específica, a cidade de Teresina, que é a primeira capital planejada do país, e forja-se com o principal propósito de ser um centro comercial, uma vez que na contramão das demais capitais do nordeste brasileiro, é a única que não se encontra no litoral, debilitando principalmente as possibilidades de desenvolvimento turístico e portuário. Ao longo de sua história, Teresina inicia seu desenvolvimento atrelando-o principalmente ao comércio e à indústria de produtos de primeira necessidade. Isso implica dizer que a capital do estado piauiense, tem na inserção de pessoas no mercado, o seu principal viés de produção e desenvolvimento de sua economia. Fato este que a deixa de certa forma, atrás de outras capitais na produção industrial com a utilização de maior tecnologia, mas que de algum modo, mantém certo desenvolvimento crescente em setores de necessidade básica. Mas o que explica a presença de tantos chineses em Teresina?

A vinda de chineses para o Brasil dar-se-á por volta do século XIX, como afirma o professor Rafael Shoji (2004 apud JYE, SHYU e MENEZES JR, 2009, p.58): “Os chineses são os mais antigos imigrantes do Extremo Oriente no Brasil, (...) é certo que algumas centenas de chineses desembarcaram no Rio de Janeiro, em 1810, inicialmente trazido para o cultivo de chá.”.

No decorrer dos acontecimentos pós 49 na China, várias ondas de imigração rumo ao Brasil começaram a surgir, mas foi a partir do final da década de 70, com a reabertura do mercado chinês para o sistema mundial, que esse processo emigratório se dá com maior evidência, sobretudo na região sul-sudeste do país, onde se concentrava as maiores pujanças econômicas e industriais da época. Sabemos que o desenvolvimento das nações que historicamente são vítimas da exploração de outras como o Brasil acontece de forma, lenta e desigual. Uma cidade como Teresina, no final dos anos setenta, provavelmente não se adequaria aos interesses mercadológicos dos imigrantes chineses, fato que só começa a ocorrer em meados de 2002, período de mudança no cenário político brasileiro, e deste então, houve várias tentativas por parte de políticos teresinenses para intensificar os laços econômicos entre a capital piauiense e o “dragão chinês”. Como podemos constatar na visita do embaixador chinês QiuXiaoqi, onde o então prefeito ElmanoFérrer dá suas considerações dizendo:

É uma grande satisfação receber o embaixador da China em nossa cidade. Precisamos estabelecer parcerias promissoras, especialmente com a China, um dos maiores investidores do Brasil. Estamos trabalhando para elevar ainda mais nosso potencial turístico e econômico e esta é ainda uma boa oportunidade de apresentarmos nossas potencialidades²

As intencionalidades políticas e econômicas no campo macro, onde números gigantescos servem de parâmetros para esta relação e aparentemente deixam o trabalhador (que é o principal personagem) distante dessa historia, nos chega como um visível choque

²(www.clicapiaui.com/.../embaixador-chines-busca-parceria-em-teresina.)

cultural que meche de alguma forma em uma cultura momentaneamente cristalizada. Ora, a presença chinesa já era sentida inconscientemente por teresinenses há muito tempo através dos seus industrializados que sufocam o centro da capital e que ao mesmo tempo movimentam economicamente uma infinidade de famílias que dependem dos produtos *made in china* para sustentar suas famílias, agora localizados de forma um pouco menos desorganizada no entorno do Shopping da Cidade, construído principalmente para aglomerar a imensa quantidade de artigos importados que outrora eram espalhados nas ruas e calçadas das grandes lojas. A parceria diplomática que enriquecem imensamente alguns poucos faz também com que o vendedor que antes era ambulante, agora tenha um estabelecimento comercial em um Shopping com pelo menos um funcionário, que ao fim do dia come um pastel numa lanchonete chinesa que fica aberta até mais tarde enquanto espera seu ônibus. Ao mesmo tempo, a interatividade com os chineses é dificultada principalmente por conta do idioma (o que já fez com que escolas de línguas abram cursos de mandarim na capital piauiense) e por, aparentemente, haver uma forma de preservação cultural, o que dificulta, por exemplo, a entrevista direta com os mesmos. Em reportagem feita pelo portal Meionorte.com, em 13 de setembro de 2010, o funcionário piauiense de uma dessas empresas, William Moraes, relata a cerca da comunicação, quando diz:

Eles são bem dedicados, e empreendedores. Não perdem nenhum centavo no que investem. A cultura tem como peculiaridade essas características. Eles têm um livro com frases em português, que facilita na hora do contato com o cliente, principalmente na hora do troco³.

Na mesma reportagem, a equipe fala com uma das empresárias do ramo de alimentação, *Chen Rhuan*, que conta como foi o processo de adaptação em Teresina e o motivo de sua escolha em relação aos outros estados da federação:

O maior problema que enfrentamos foram os impostos. O alto preço da conta de água, energia, e aluguel pesaram bastante no bolso no início do nosso negócio. Porém, encontramos a matéria-prima para nossos alimentos por um custo bem mais baixo que em outros estados. O segredo do sucesso de sua lanchonete é o cuidado com a higiene dos seus alimentos, e a oferta de um serviço rápido e objetivo. (www.jornalmn.com.br/edicoes/pdf/20100913/ter1.pdf)

³(www.jornalmn.com.br/edicoes/pdf/20100913/ter1.pdf)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pôde observar, muitas variáveis permeiam o atual momento com relação ao intercâmbio econômico-cultural vivido aqui por piauienses e chineses num movimento dialético do micro para o macro. Procuramos levar todas estas informações para dar algum retorno a sociedade, que espera dos que dizem ser possuidores, segundo a nossa cultura, de um ensino superior e que por estarmos emergidos numa confusão de intencionalidades que tendo como primeiro fio condutor os interesses econômicos, que trazem consigo infundáveis conseqüências na vida de todos que dependem deste sistema para de alguma forma sobreviver. Vemos na realidade da migração chinesa para o Piauí uma realidade que ao mesmo tempo é nova para nossa realidade e já conhecida e bem mais complexa e miscigenada em outras. Nossa pesquisa tenta mostrar os limites e possibilidades desta relação, entendendo que, é preciso que haja precaução para com os rumos que esse “novo” momento histórico-econômico possa tomar em relação emancipação dos seres humanos, que cotidianamente são tratados como meros números; é preciso ter cuidado, para que este período a curto ou em longo prazo, não corrobore ainda mais as já latentes e injustas desigualdades sociais construídas desde os tempos de Brasil colônia.

REFERÊNCIAS

- AMARAL JÚNIOR, J.A. Economista polemiza aspectos da relação comercial entre Brasil e China. 2011. Disponível em: <www.cantareira.org/.../economista-polemiza-aspectos-da-relacao-com...> Acesso em : 18 abr. 2012
- FURTADO, M. A. T. Economia chinesa para principiantes, 2008. Disponível em :<www.em.ufop.br/chinabrasil/EconomiaChinesaParaPrincipiantes.pdf> Acesso em: 15 abr. 2012.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

JYE,C.T; SHYU, D.J.Y; e MENEZES JR, A.J.B. Os imigrantes chineses no Brasil e a sua língua. SynergiesBrésiln° 7 – 2009, pp. 57-64.

ZEMIN, J. REFORMA E CONSTRUÇÃO DA CHINA. Rio de Janeiro: Record, 2002.

THOMPSON, E.P. **A miséria da teoria, ou um planetário de erros.**/Tradução de Maltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, E.P. **A Peculiaridade dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.